



Paul Gauguin. *Nave Nave Fenua*,
Xilogravuras, 1893/ 1894

Pequeno discurso aos pintores gravadores¹

Paul Valéry

Paul Valéry (1871-1945) é um poeta crítico, pensador. Além de poesia ("Le Cimetière Marin", "La Jeune Parque", "Charmes", etc.), escreveu vários ensaios, reunidos, em parte, nos volumes *Variétés*. Sobre artes plásticas, tem um livro em que fala sobre o pintor Degas, *Dégas, danse, dessin* (traduzido em português) e um volume, *Pièces sur l'art* (não traduzido), no qual está este "Petit discours aux peintres graveurs". Alguns desses ensaios são citados por Walter Benjamin, especialmente em "O narrador". Adorno tem um texto sobre Valéry, em *Notas sobre literatura*, que revela sua importância para a reflexão dos dois teóricos.

Também num ensaio sobre Leonardo da Vinci, Valéry busca relações entre poesia e pintura. Para o poeta a poesia é ato do espírito, "coisa mental", o que mostra suas afinidades com Leonardo. Em seus *Cahiers*, um tipo de diário, pensa as relações entre a poesia e a prosa, aproximando poesia e pensamento abstrato. Na prosa, a linguagem esgota-se na comunicação, enquanto, na poesia, sua forma nos leva a reconstituí-la. No ensaio de *Variétés*, "Poesia e pensamento abstrato", em que desenvolve essas idéias, compara a poesia à dança e a prosa ao andar.

Valéry era amigo e admirador de Mallarmé, sobre quem escreveu textos fundamentais. Nota-se, neste ensaio aqui traduzido, a presença das idéias do poeta. Ao aproximar gravura e literatura, Valéry fala de um prazer de fazer, pelo qual se cria uma segunda natureza: prazer estranho, atravessado de tormento, na busca do qual não faltam obstáculos, amarguras, dúvida e desespero.

Discutindo as artes, temos ainda de Valéry, traduzidos em português, *A alma e a dança*, em que retoma a forma do diálogo platônico, com personagens de *O Banquete* e *Eupalinos, ou o arquiteto*, tecendo relações entre arquitetura e música.

Vera Lins²

Senhores, gostaria de poder dizer-lhes: caros confrades, mas as poucas relações que tive com a gravura foram dessas relações que não se ousam confessar; elas se reduziram bem depressa ao que era necessário para que eu compreendesse claramente que não fora nascido para gravar.

Tradução Vera Lins.

¹ Pronunciado em 29 de novembro de 1933. Do livro *Pièces sur l'art*. Paris: Gallimard, 1934.

² Vera Lins é professora de literatura comparada e teoria da literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, ensaísta e tradutora.

ano 6, número 7, dezembro 2004

181

Então, senhores, minha indignidade confessada, procuro um agradecimento que a recupere... Como manifestar meu sentimento senão tentando exprimir a meu modo todo o apreço que tenho por seu nobre ofício e a significação particular que lhe empresto?

Farei de início esta confidência de que muito freqüentemente os olho com inveja e que sinto o desejo (sem esperança) de trocar minha pena por uma ponta-seca – não ousou dizer por um buril.

Depois, aproximo em espírito nossas duas artes; descubro, na gravura, como na escrita literária, uma maneira de intimidade estreita entre a obra que se forma e o artista que a ela se aplica. A prancha (ou a pedra) é bastante comparável à página que se trabalha: uma e outra nos fazem tremer; uma e outra estão diante de nós, à distância da *visão clara*; abraçamos o conjunto e o detalhe num mesmo olhar; o *espírito*, o *olho* e a *mão* concentram sua espera sobre essa pequena superfície em que jogamos nosso destino... Não está aí o cúmulo da intimidade criadora que conhecem identicamente o gravador e o escritor, cada um grudado a sua mesa, à qual faz comparecer *tudo o que sabe e tudo o que vale?*

Mas, pensando um pouco mais adiante, acontece que encontro entre nós um parentesco mais profundo, uma similitude bastante procurada, que uma certa reflexão faz entrever e que uma certa virada de pensamento torna quase aceitável pelo espírito.

Hão de me perdoar o pouco de metafísica (quer dizer, de fantasia) que é necessário para explicá-lo.

A Natureza, como se diz – esse é um nome cômodo e consagrado pelo uso –, a Natureza faz muitas coisas, algumas das quais extremamente belas. Não todas. Ela é um criador bastante irregular, que é incomparável em seus bons dias. Apresenta-nos, pois, animais construídos a contento; expõe, nos *Salões* das estações sucessivas, árvores dignas de nota, flores encantadoras, e compõe para nós, de vez em quando, cenários suntuosos ou sublimes para teatros de nossas ações ou para maravilhosas esferas de nossos pensamentos.

Mas, tão fecunda e mesmo tão pródiga que seja, essa Natureza geradora não inventou tudo. Ela nos deixou algum domínio, alguma oportunidade de criações; e nós produzimos, do nosso lado, certas obras que ela ignora; e, mesmo, que ela é radicalmente incapaz de produzir. Esse é o ponto que me interessa.

Sentimos certos desejos que a Natureza não sabe de modo algum satisfazer; e temos certos poderes que ela não tem.

Sem dúvida, o homem e seu universo poderiam ter-se afinado exatamente um com o outro. Pode-se imaginar um Éden, um Paraíso terrestre, onde nossos olhares e nossos impulso encontrassem tudo que desejassem, e não

puдessem desejar senão o que aí achassem; um Jardim onde não pudéssemos sonhar com nada que não fosse menos do que o que aí houvesse.

Não é assim. Esse Universo de deleite não é o nosso, e eu afirmo que é necessário, em suma, regozijar-se com isso.

As próprias crianças não apreciam por muito tempo esses países de chocolate e de confeitos, regados de calda, que lhes propõem alguns contos. Preferem alguma aventura e suas maravilhosas *dificuldades*.

É que há em nós, senhores, ainda outra coisa além da atração pela volúpia pura e simples, e mesmo pela impura e complicada... Há uma sede toda singular que nem o gozo das perfeições, nem a posse muito feliz abolem ou esgotam. A delícia de repousar sobre a certeza de um bem não nos é suficiente. A felicidade passiva nos fatiga e nos enjoa; nos é necessário também o *prazer de fazer*. Prazer estranho, prazer complexo, prazer atravessado de tormentos, misturado com sofrimentos, e prazer em busca do qual não faltam nem os obstáculos, nem as amarguras, nem as dúvidas, nem mesmo o desespero.

Os senhores o conhecem, nós o conhecemos bastante bem, esse prazer trabalhoso, esse *prazer de fazer*, que é para nós uma segunda natureza, oposta à natureza primeira e imediata da qual lhes falava.

Esta, em suas criações, procede em estreita ligação com ela mesma; ela persegue, por exemplo, o *modelado* de suas formas por uma ação de sua própria matéria, da qual não divisa jamais suas forças e não se pode distinguir. Se a natureza produz uma planta, ela a cultiva insensivelmente, a desdobra e deixa-a cair, como por uma sucessão de estados de equilíbrio, de modo que a cada instante a idade da planta, sua massa, sua superfície de folhagem recortada, e as condições físicas de seu meio estejam numa relação indivisível, da qual a figura dessa planta é como a expressão misteriosamente rigorosa.

Mas totalmente outra é a obra do homem: o homem age; ele exerce suas forças sobre uma matéria estranha, distingue seus atos de seu suporte material, tem deles consciência distinta; pode, pois, concebê-los e combiná-los antes que os execute, pode dar-lhes as aplicações as mais variadas, ajustá-los a substâncias muito diversas, e é esse poder de compor seus empreendimentos ou de decompor seus desígnios em atos distintos que ele nomeia como sua inteligência. Ele não se confunde com a matéria de sua obra, mas vai e vem dessa matéria a sua idéia, de seu espírito a seu modelo, e troca a cada instante *aquilo que quer* por *aquilo que pode* e *aquilo que pode* por *aquilo que obtém*.

Operando assim sobre os seres e sobre os objetos, sobre os acontecimentos e sobre os motivos que o mundo e a natureza lhe oferecem, abstrai deles enfim esses símbolos de sua ação nos quais seu poder de

compreensão e seu poder construtor se combinam, e que se chamam: a *Linha*, a *Superfície*, o *Número*, a *Ordem*, a *Forma*, o *Ritmo*... e o resto.

Mas ele se opõe, então, bem claramente à Natureza por esse poder de abstração e de composição, pois a Natureza nem abstrai, nem compõe; ela não pára nem se reflete; ela se desenvolve sem retorno. Vemos agora como o espírito do homem está em contraste com ela, e é até aqui, senhores, que eu gostaria de vir.

Eu gostaria de chegar a esta proposição que nos concerne: que se a arte tem espírito, esse espírito cuja duração é tecida de atos sem matéria, a arte mais próxima do espírito é, pois, aquela que nos restitui o máximo de nossas impressões ou de nossas intenções pelo mínimo de meios sensíveis. Não lhes são suficientes alguns traços, alguns talhos, para que um rosto, um campo, nos sejam não somente dados em sua semelhança, mas sugeridos até o ponto em que a cor ausente e mesmo a luz mais rica não lhes falem?

E não são suficientes ao escritor, que não ignora seu ofício, algumas palavras de um único verso para despertar na alma todas as qualidades das coisas, e mesmo todas as harmonias e as ressonâncias da lembrança de um momento singular da vida?

Es o que nos aproxima, senhores. Nós comungamos no *Branco e Preto*, com os quais a Natureza não sabe o que fazer. Ela não sabe o que fazer com um pouco de tinta. Ela precisa de um material literalmente infinito. Mas nós, de bem pouca *coisa* e, se possível, *muito de espírito*.

É por isso que eu amo o gravador. Eu os amo, gravadores, e partilho sua emoção quando elevam à luz, ainda todo úmido e delicadamente pinçado com a ponta dos dedos, um pequeno retângulo de papel há pouco saído dos cueiros da prensa. Essa prova, esse recém-nascido, essa criança de vossa paciente impaciência (pois o ser do artista só se pode definir por contradições) carrega este mínimo do universo, este nada, porém, essencial, que supõe o todo da inteligência.

Intelligenti pauca, diz-se em latim. Não é exatamente essa a comum e orgulhosa divisa de todos aqueles reunidos para a maior glória do Branco e do Preto?